



Sem discurso não há poder:
reflexões sobre *La Scuola dei Dittatori*
de Ignazio Silone

Doris Nátia Cavallari
(USP)

RESUMO: O presente artigo trata das estratégias discursivas usadas pelo autor no diálogo entre os personagens e no diálogo ulterior do protagonista com os ouvintes-leitores do texto.

PALAVRAS-CHAVE: *La scuola dei dittatori*; Ignazio Silone; Mikhail Bakhtin; Perelman; ditadura; discurso; diálogo; poder; persuasão.

*Não há pior escravidão
do que a que se ignora.*
Ignazio Silone

La scuola dei dittatori foi escrito entre 1937 e 1938, em Zurique, e traz as idéias políticas do autor articuladas em forma de diálogo. O terceiro grande livro do período do exílio engloba e amplia as idéias do ensaio *Der Fascismus*, escrito por Silone entre 1931 e 1934, mas publicado na Itália apenas no final de 2002, pois foi repudiado pelo autor que acreditava que suas idéias sobre o regime foram expressas de modo mais abrangente em *La scuola dei dittatori*.

O texto, publicado inicialmente em alemão, foi traduzido, entre 1938 e 1952 para o inglês, para o espanhol, para o hebraico e para o português. Na Itália, a obra revista pelo autor foi lançada pela primeira vez em 1962, como colaboração em capítulos, no semanário *Il Mondo*, vinte e quatro anos após a primeira edição em alemão. No mesmo ano, o texto completo foi publicado pela editora Mondadori de Milão, na coleção *Narratori Italiani*. Apesar de constar de uma coleção de narrativas, houve divergência quanto à classificação da obra entre os editores estrangeiros. Os franceses queriam apresentá-lo como romance, mas Silone não concordou e o texto foi apresentado como *récit e traité*. Ingleses

e americanos classificaram o texto como *fiction* e alemães como *essay*, mais ao gosto do escritor que sempre se referiu ao texto como um ensaio. *La scuola dei dittatori*, afirma Vittorio Libera, na introdução da obra (Mondadori, 1986), “divide-se entre a reflexão e a fantasia, é um diálogo na acepção clássica da palavra, no qual os falantes discutem por quatorze capítulos sobre o melhor modo de apossar-se do poder” (p. XIV).

La scuola dei dittatori, afirma Bruno Falchetto, que organiza e apresenta uma publicação das obras do exílio entre 1927-1944 (Mondadori, 1998), “é o ponto de chegada de uma longa reflexão de Silone sobre os mecanismos da ditadura e do Estado totalitário. Reflexão nascida da necessidade política (e existencial) de um confronto com o fenômeno fascista e de uma análise exaustiva deste fenômeno” (1998:1540).

A edição de Mondadori (1998), além de reunir as obras do exílio e vários textos do autor, traz ainda informações sobre a gênese e a história editorial das obras. Falchetto reúne dados importantes sobre o texto e inclui cartas do autor a respeito do livro. Em 1961, Silone escreveu sobre a edição em italiano, em carta enviada a Mondadori em 17 de janeiro daquele ano:

La scuola dei dittatori é o contrário de um livro de propaganda. É sim, uma crítica à sociedade de massa, ao estadismo, à burocratização e a todas as outras condições que, na nossa época, tornam difícil a democracia e facilitam as empresas ditatoriais... refiz o texto, reduzi a parte documentária e muitas citações e acentuei a crítica à sociedade. Apesar do texto basear-se em uma ficção que consente diálogos, não é, de maneira alguma, um livro de narrativa, mas um ensaio. (1998:1543)

Em outra carta, achada manuscrita e com algumas correções do autor, Silone diz que o texto foi escrito para desmascarar as falsificações históricas do fascismo e do nazismo, para defender a democracia e para apontar problemas de ordem geral que levam as sociedades modernas a produzirem regimes totalitários.

Falchetto comenta que havia uma previsão de se continuar o texto em um segundo volume, mas, em 7 de agosto de 1938, Silone escreveu aos editores ingleses justificando a desistência do projeto.

[...] diria que do ponto de vista literário Mr Doppio Vu e o Professor Pickup puseram meus nervos a dura prova nos últimos anos e seria impossível confrontar-me com eles mais uma vez. Além disso, percebi que escrevendo um segundo livro, este, se fosse publicado em um único volume, chegaria a 700-800 páginas e seria vendido por um preço proibitivo para os leitores aos quais me dirijo. Seria lido somente por aqueles que menos me interessam e, portanto, seria melhor não escrevê-lo de modo algum. (1998:1536)

Silone afirma ser-lhe impossível continuar a lidar com os personagens de Mr. Doppio Vu e do professor Pickup. Na verdade, para dar estrutura ao seu ensaio, o autor opta pelo tratado dialogado, criando um cenário que dá condições para que as idéias sejam expostas através do diálogo, da contraposição de idéias. Desse modo trabalha sobre duas diferentes ideologias, expondo em seu ensaio pontos de vista opostos sobre a ditadura. Cria-se, a partir disso, a tensão discursiva no texto que se articula entre a refutação e a adesão das idéias por parte dos interlocutores.

Um dos mecanismos discursivos eficazes na construção da argumentação siloniana é a ironia que já se faz sentir no primeiro capítulo do texto, no qual o autor cria a situação ficcional em que se desenrolará o diálogo. O escritor diz ter sido procurado por um americano, cujo pseudônimo é Mr. Doppio Vu (Senhor W), que, sendo obrigado a permanecer alguns dias na Suíça por problemas de saúde, gostaria de debater suas idéias políticas. O narrador recusa-se a fazê-lo, mas sugere alguém para o seu lugar; um refugiado italiano, “expulso de vários países ditos democráticos” (SD, p.9), que vive às escondidas na Suíça e usa o pseudônimo de Tommaso il Cinico. Para completar o quadro de personagens, Silone cria o conselheiro ideológico de Mr. Doppio Vu, o professor Pickup, inventor da “pantautologia”, ciência cuja fórmula é: “Ninguém pode ser nada além de si mesmo e, portanto, o Estado não pode ser nada além do Estado” (SD, p. 4).

Dentre os recursos irônicos utilizados por Silone, pode-se destacar a escolha dos nomes de seus personagens; característicos do mundo rural abrucês e do texto siloniano, os nomes e os apelidos são baseados nos costumes, na crença religiosa e nas profissões, de onde se originam alcunhas como vemos entre os camponeses de *Fontamara* (seu primeiro romance), quais *Venerdì Santo* (Sexta-feira santa), habituado a fazer penitência no dia da paixão de Cristo, ou Elvira *la tintora*, que trabalha com a tintura de tecidos, e assim por diante. No caso de *La scuola dei dittatori*, os nomes também são importantes e antecipam as características dos personagens, já que evidenciam traços de suas personalidades. O primeiro a ser descrito é o professor Pickup, a caricatura do conselheiro de um tirano:

Il professore è vestito di nero, come un parroco, e anche la sua voce somiglia a quella d'un predicatore. L'abbondante criniera di colore giallo-granturco che gli corona la testa e l'ampia dentatura verde-gorgonzola gli danno un aspetto imponente, ma inoffensivo di leone vegetariano. (SD, p. 5)

Em diferentes dicionários bilíngües, inglês-português, encontramos entre as acepções para “Pickup” algumas que podem classificar o personagem: “captador sonoro, caronista e conhecimento casual e passageiro” Esta última definição parece traduzir bem a personalidade do inventor da “pantautologia” (pan = totalidade + tautologia = redundância,

proposição analítica sempre verdadeira, pois o predicado é uma repetição do sujeito: “O Estado não pode ser nada além do Estado”). Com esta caracterização, o ouvinte-leitor é advertido de que as citações e reflexões do “ilustre” professor espelharão sua filosofia.

A “máscara” que caracteriza o aspirante ditador é também condizente com sua função:

Il suo viso è un po' asimmetrico a causa di una profonda cicatrice alla gota sinistra; egli ha gli occhi cerchiati e lo sguardo stanco di quelli che soffrono d'insonnia; e la piega delle labbra è propria degli uomini abituati all'insolenza e al dilleggio. (SD, p. 6)

A conformação caricatural desses personagens é complementada com a função de sua viagem à Europa. Eles percorrem vários países em busca das raízes da civilização e das fórmulas para se chegar ao poder. Enquanto o professor Pickup comenta o seu roteiro, Mr. Doppio Vu encarrega-se de fazer comentários desagradáveis, desmerecendo a experiência. Quando o Professor diz terem visitado a Piazza de S. Sepolcro, berço do fascismo, o aspirante a ditador observa: “Um berço em um sepulcro, parece o título de um romance macabro” (SD, p. 7). Da “instrutiva” viagem os americanos levam para casa “doze baús de livros sobre a história das ditaduras antigas e modernas e um baú de cimélios de guerra civil, autênticos e raríssimos” (SD, p. 7); além do “famoso ovo de Colombo, petrificado por um processo especial, que representa o símbolo da origem civil do povo americano” (SD, p. 7) e, arrisca o professor, é o próprio símbolo da “pantautologia”

Do personagem positivo não temos a descrição física, sabemos que é um exilado fugitivo, que vive ilegalmente na Suíça e se dedica a escrever um manual sobre a arte de enganar o próximo, destinado, porém, aos enganados e não aos enganadores. O especialista em ditaduras, conhecido por Tommaso, recebeu dos amigos o sobrenome Cínico, fato que lhe agradou muito, pois:

Erano i Cinici, quattrocento anni prima della nascita di Cristo, quello che oggi la stampa benpensante chiamerebbe dei senza-religione e senza-patria. Al culto formale degli dei essi anteponevano, seguendo l'insegnamento di Socrate, la pratica della virtù, e tra gli uomini non conoscevano stranieri. (SD, p. 9)

Tommaso, como a maioria dos personagens positivos de Silone não tem rosto definido, é personagem-símbolo, ícone da luta contra qualquer tipo de coerção, de amarras político-partidárias, enfim é mais um dos “libertários” de Silone. É, como o *Solito Sconosciuto* de Fontamara, Pietro Spina (*Vino e pane* e *Il seme sotto la neve*) e outros, uma voz plural que se antepõe ao nihilismo, ao lugar-comum, ao pensamento massificado. Giuseppe

Borghese no texto “Una lezione di democrazia” escrito em 1938, e reproduzido no texto *Silone nel mondo: critica estera* (1995), observa que “Tommaso, que deseja tocar a verdade com as mãos, é um ‘cínico’, porque nenhuma verdade o assusta” (p. 103).

O texto siloniano oferece várias possibilidades de leitura, entretanto, interessa-nos aqui apresentar alguns aspectos da construção textual e do jogo argumentativo à luz da teoria de Mikail Bakhtin e da concepção de Perelman¹ que, em seu *Tratado da argumentação: a nova retórica* (1996), retoma e amplia os elementos básicos da retórica clássica para propor, com sua “nova retórica”, que se analise a linguagem não apenas como um meio de comunicação, mas como um instrumento de persuasão e convencimento.

Dentre os conceitos de Bakhtin, duas categorias que constam do capítulo IV, “A pessoa que fala no romance”, de seu livro *Questões de literatura e estética: a teoria do romance* (1990), constituem apoio importante para nossa leitura. No referido capítulo, o teórico discute sobre formas de transmissão do discurso e destaca a *palavra autoritária* - típica das categorias ligadas ao poder (religiosa, política, moral, a palavra dos pais e professores etc), que “exige de nós o reconhecimento e a assimilação, ela se impõe a nós independentemente do grau de sua persuasão interior no que nos diz respeito, nós já a encontramos unida à autoridade” (p. 143) e a *palavra interiormente persuasiva* que “é metade nossa, metade de outrem” e nos revela possibilidades diferentes de significação, é a palavra “determinante para o processo da transformação ideológica da consciência individual” (p. 145). Nos diálogos entre Tommaso e seus interlocutores, o ativista insiste na figura do ditador moderno como sujeito capaz de usar a *palavra autoritária* como *palavra interiormente persuasiva* e, desse modo, conquistar as massas e, então, o poder.

Bakhtin observa ainda, em *Marxismo e filosofia da linguagem*³ (1992), que toda *palavra dirige-se a um interlocutor* e que o “mundo interior e a reflexão de cada indivíduo têm um *auditório social* próprio bem estabelecido, em cuja atmosfera se constroem suas deduções interiores, suas motivações, apreciações, etc” (grifos do autor, pp. 112-3). Se a expressão do mundo interior do indivíduo presume um “auditório social” que no caso do texto escrito é classificado por Perelman de “auditório universal” - podemos dizer que a argumentação é inerente à linguagem, pois todo auditório pressupõe um orador.

1 Perelman, C. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

2 Bakhtin, M. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. 2.ed. São Paulo: Editora da UNESP/HUCITEC, 1990.

3 Bakhtin, M., Voloschinov. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6. ed. São Paulo: HUCITEC, 1992.

Perelman, em seu tratado supracitado, observa ainda que a argumentação *persuasiva* é a “que pretende valer só para um auditório particular e [a] *convincente* [a] que deveria obter a adesão de todo ser racional” (p. 31). O autor discute sobre a variação que pode haver entre os dois termos (persuasão e convencimento), comentando textos clássicos. Nossa leitura utilizará, sobretudo, seu ponto de vista sobre a questão de persuadir, enquanto capacidade de fazer aceitar argumentos não apenas pela razão, mas por uma identificação com o orador e seu conceito de convencer, enquanto capacidade de atingir um auditório pela razão, pela lógica argumentativa, mesmo que este seja um “auditório universal” ou ainda, como diria Bakhtin⁴, um “superdestinatário... cuja compreensão responsiva absolutamente justa ele pressupõe quer na distância metafísica, quer no distante tempo histórico. ‘Um destinatário como escapatória’ ” (2003: 333).

Vale ressaltar, particularmente, que a argumentação do protagonista militante dirige-se a diferentes interlocutores, os personagens com os quais dialoga e os ouvintes-leitores, e possibilita duas leituras distintas, uma vez que Tommaso, contemporaneamente, aconselha o aspirante ditador sobre as atitudes que deve tomar e o discurso que deve assumir a fim de persuadir a massa a aceitá-lo como líder e adverte o ouvinte-leitor sobre os perigos de se acreditar em tais atitudes e em tal discurso. Desse modo, trabalha, simultaneamente, com as técnicas de persuasão e convencimento e realiza o seu manual sobre a arte de enganar o próximo.

A discussão entre os protagonistas inicia-se no segundo capítulo, no qual Cínico tem de convencer seus interlocutores de sua capacidade de debater o assunto, já que, sendo um refugiado exilado, é considerado pelo professor Pickup um “prófugo” um “derrotado” e, portanto, incapaz de fornecer-lhe qualquer contribuição sobre como tomar o poder. O militante, entretanto, esclarece que sua intenção nunca fora alcançar o poder, mas conhecer seus mecanismos e afirma, ainda, que a ciência política é uma invenção de exilados. Para comprovar sua teoria cita Maquiavel, Montesquieu, Marx e outros exilados ilustres que, a partir da experiência do desterro, criaram suas teorias políticas. O conselheiro ideológico de Mr Doppio Vu “entra no jogo” e começa também a citar personagens e situações, de modo a colocar-se à altura da argumentação de Tommaso. Assim, o Cínico, com seu conhecimento, sua memória e sua capacidade de análise, responde às colocações do professor, mostra-se capaz de debate e o desafia, por sua vez, a segui-lo, se puder.

O segundo capítulo determina o posicionamento (ou *cronotopo*) de cada um dos personagens; Tommaso e o professor Pickup citam vários autores para defender seu ponto de

4 Bakhtin, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

vista, mostram duas leituras diversas de uma mesma situação, espelhando visões quase sempre antagônicas.

A posição do aspirante ditador, que se diz um “homem de boa vontade” também é determinada neste capítulo. Sua preocupação essencial é como conquistar o poder. Seu interesse pela discussão justifica-se pela ausência de manuais sobre o assunto. Do diálogo com o militante exilado ele procura apreender técnicas que o auxiliem em seus propósitos e não parece, em nenhum momento, almejar conhecimentos profundos sobre a filosofia política. O senhor W aborrece-se com o excesso de citações dos dois intelectuais, mas Tommaso adverte:

TC⁵ : ... se voi volete diventare dittatore, dovete farvi abitudine. Una dittatura è un regime in cui, invece di pensare, gli uomini citano. Essi citano tutti lo stesso libro che fa testo. A nostro vantaggio possiamo almeno dire di citare autori diversi. (SD, p. 20)

Na conclusão do segundo capítulo, Tommaso afirma que ditadura vem de ditar, que é um exercício escolar, mas pelo fato de, neste sistema, ter-se uma “classe única” os erros de ortografia são punidos pela lei (SD, p. 20).

Uma observação pertinente, antes de avançarmos, é sobre o uso do pronome de tratamento *voi* (*vós*) na obra siloniana. Este pronome de tratamento de cortesia, já em desuso no início do século XX, foi imposto por Mussolini no lugar de *Lei* (o senhor /a senhora). O *Duce* criou uma política lingüística do fascismo que procurou eliminar estrangeirismos e formas dialetais, em favor de uma língua mais pura, nacional e refinada; a forma *Lei* foi considerada excessivamente pessoal para o tratamento formal entre as pessoas (e a ditadura, como se sabe, não ama confidências, intimidades ou liberdade de expressão). Paradoxalmente, a forma escolhida por Mussolini *voi* é bastante dialetal e típica de regiões marcadamente rurais, como a de Silone que manterá essa forma de tratamento de *Fontamara* até seu último romance, *Severina*, fato que intensifica o caráter dialógico de sua obra, pois o ouvinte/leitor sente-se como um dos narratários do texto. Em *La scuola dei dittatori*, a forma de tratamento *voi* parece intensificar o destinatário plural a quem Tommaso se dirige, ao falar sobre a ditadura.

Mainueneau, em seu texto *Elementos de lingüística para o texto literário* (1996), ao analisar um trecho de romance, chama a atenção para as escolhas feitas entre os pronomes *tu* e *vous* e afirma que a escolha do pronome determina o ponto de vista da atividade

5 Para evitar uma repetição excessiva de nomes de personagens, estabelecemos para as citações as seguintes abreviaturas: *Tommaso il Cinico* (TC), *Mr Doppio Vu* (MDV) e *Prof. Pickup* (PP).

enunciativa do locutor e impõe “ao diálogo com outros um certo enquadramento” (p. 20). Em outras palavras, a escolha do pronome de tratamento determina o posicionamento (*cronotopo*) do escritor.

No prefácio de sua primeira obra, *Fontamara*, Silone adverte que o italiano para o povo da Marsica é uma língua estrangeira, da qual ele fará uso para comunicar os graves fatos ocorridos em Fontamara; o “empréstimo” da língua do autor possibilita uma abrangência maior de interlocutores, de ouvintes/leitores dessas reflexões, porque a tradução da voz dialetal facilita a inserção de uma realidade local e fechada em um universo muito mais amplo. Contudo, observa o autor, o modo de contar a história será típico do mundo rural representado. Ele termina seu prefácio com a frase: “Que cada um tenha o direito de contar a própria história a seu modo” (FA, p. 13). Ao optar pelo uso do pronome *voi* (para o tratamento de cortesia), em todas as suas obras, o autor assume o modo abrucês de contar histórias e cria textos com a sua marca discursiva. Narrador e personagem compartilham, em suas falas, traços do mundo regional que, mesmo ao soar estranho ao ouvinte-leitor, leva-o a reconstituir o sentido do texto e a participar, assim, da “criação do mundo representado” (Bakhtin, 1990:358).

Ao lado do pronome *voi* temos, no exemplo acima, o uso de *dovere fare* (dever fazer, ter de fazer), forma que será muito utilizada ao longo do texto, pois Tommaso tenta convencer seu interlocutor com as técnicas argumentativas que aconselha. Uma das armas de Tommaso é a repetição de certos conceitos durante os vários dias de conversa. Dentre eles, a idéia de ditadura como a arte das citações e também das frases feitas e dos slogans reforçada, especialmente, no capítulo VIII, que tem por título “Sobre a inutilidade dos programas, o perigo das discussões e sobre a moderna técnica para suggestionar as massas” Nele o prof. Pickup e Mr Doppio Vu defendem a apresentação de um programa político elaborado pelo professor e por colegas universitários e intelectuais; o primeiro, o faz por acreditar que a ditadura baseia-se num programa estabelecido por mentes superiores de homens cultos, capazes de dar forma à massa que, como dirá adiante, foi bem definida por Goebbels: “um débil, preguiçoso, vil aglomerado de homens” que ganham forma de povo e nação por meio da intervenção de um “homem de Estado” (SD, p. 91) apto a resolver os problemas da nação. O senhor W, por sua vez, afirma ter sido muito alta a despesa e, portanto, quer aproveitar o programa. Tommaso, entretanto, insiste para que o aspirante ditador registre o gasto com os acadêmicos no capítulo das beneficências e que esqueça o assunto, para reduzir os danos ao mínimo. Ele continua:

TC. *Discutere? Persuadere?* Sarebbe una pazzia. Un aspirante dittatore *non deve fare* appello allo spirito critico degli uditori. Egli ne sarebbe la prima vittima. Un capo fascista *deve saper* trascinare

infiammare esaltare i suoi uditori, ispirando disprezzo e odio verso i perdigiorno che discutono. “Le chiacchiere non riempiono lo stomaco” ecco uno slogan efficace contro i politicanti tradizionali. *Tutto* quello che il capo fascista dirà, sarà enunciato nella forma dell’evidenza, in modo da non dare adito al minimo dubbio o discussione. Locuzioni come “può darsi”, “forse” “a me sembra” “salvo errore” saranno rigorosamente evitate. *Ogni* invito alla discussione sarà respinto. “Non si discute sulla salvezza della patria” “non si discute coi traditori” “i disoccupati aspettano lavoro e non parole”, ecco le risposte che *ogni* seguace approverà. Un comportamento diverso sarebbe disastroso”. (gri-fos nossos, SD, p. 79)

Neste excerto, como um “bom professor”, o Cínico ensina que tipo de discurso “deve” (note-se mais uma vez o verbo utilizado) ter o ditador. Todos os conectivos entendidos aqui com o sentido que lhes atribuí Maingueneau (1997:160), ou seja, qualquer elemento de ligação entre dois enunciados que inspirem dúvidas ou possibilitem interrogações, quais “pode ser” “talvez” “parece-me” “salvo erro” devem ser evitados. O ditador não pode ter dúvidas sobre os anseios e as necessidades do povo, de modo que as assertivas axiomáticas são as formas ideais para que o tirano consiga a sincronia almejada com as massas. Tommaso fornece alguns exemplos, como “os desempregados esperam trabalho e não palavras” para que o aspirante se livre do constrangimento das discussões. Enfim, aconselha o aspirante a seguir os critérios de seu conselheiro ideológico, o fundador da “pantautologia” com assertivas tautológicas que, por serem tão evidentes, evitam discussões.

Note-se que o Cínico usa, por sua vez, de estruturas paratáticas em frases imperativas para persuadir seu ouvinte; as formas “não deve apelar” “deve saber levar” e “serão rigorosamente proibidas” além dos pronomes indefinidos *tutto* (tudo) e *ogni* (cada, todo, qualquer que seja), sintetizam as atitudes que o aspirante deve ter para obter o resultado esperado. Desse modo Tommaso não só recomenda um tipo de discurso, mas também se utiliza dele, apostando nos ideais maniqueístas do aspirante ditador, para quem o poder é um jogo dos extremos, do tudo ou nada. O senhor W, durante o texto, mostra-se mais satisfeito com este tipo de argumento do que com as citações e referências histórico-filosóficas sobre o problema das ditaduras. Quando o professor Pickup e Tommaso começam a discutir, ele os interrompe entediado e coloca questões de ordem prática, às quais o Cínico responde, “mudando de tom” e utilizando-se dos recursos como os exemplificados acima, que se aproximam mais da pregação religiosa e profética.

Tommaso afirma, ainda, que a guerra e a fome duradouras, aliadas à propaganda e aos slogans certos para atingir as massas são as armas mais adequadas a qualquer candidato a tirano, o qual precisa saber a assertiva para cada questão, de modo a passar a falsa idéia de poder controlar os destinos do povo. O protagonista comenta que o ditador depende da

massa, que deve identificá-lo com o “eu-ideal de milhões” aquele que detém todas as respostas desejadas pelo oprimido, sempre abatido pela fome e pela guerra. O tirano, com seu discurso que não aceita réplicas, configurar-se-á, então, como alguém que é capaz de controlar o incontável, de evitar catástrofes, de realizar todas as expectativas da nação.

A participação das massas na criação do ditador é bastante explorada pelo Cínico que, no capítulo “Muitos são os chamados, poucos os escolhidos” observa:

Dal momento in cui scocca la scintilla dell’identificazione del capo con la massa, il dittatore sente moltiplicare in modo vertiginoso le sue forze. *L’identificazione sociale è appunto il processo discriminatorio che fa emergere l’eletto dal gregge dei chiamati. L’eletto ne esce trasfigurato.* Egli perde i connotati individuali e assume quelli sognati da milioni di concittadini. *Egli diventa, alla lettera, il prodotto individualizzato d’un irresistibile bisogno collettivo.* Nell’attuale civiltà di massa tutte le risorse della tecnica contribuiscono all’esaltazione dell’eletto. [...] l’attuale Duce del fascismo, per quello che egli ora rappresenta nell’immaginazione di molti italiani e stranieri, ha ben pochi rapporti col signor Benito Mussolini di prima della guerra. Fu quel signore, è vero, a fondare i primi fasci, ma è stato il fascismo che ha poi creato il Duce, rivestendo la sua persona piuttosto banale, con una quantità di virtù difetti aspirazioni *dell’io-ideale di milioni d’italiani.* (grifo nosso SD, cap. VI, p. 55)

A partir do momento em que se torna o “escolhido” o tirano tem maior liberdade de ação e deve, como afirma Maquiavel, no seu *Príncipe*, “manter-se amigo do povo” algo que se consegue facilmente “fazendo com que ele se sinta protegido”. É necessário ao príncipe, conclui Maquiavel, “que o povo lhe vote amizade; do contrário, fracassará nas adversidades” (2003:167).

Do tirano moderno que vai atuar na sociedade industrial, das massas, exige-se mais do que do príncipe do renascimento, pois ele representa o “eu-ideal de milhões” e precisa garantir a autonomia da nação. Autonomia - como lembra Alfonso Berardinelli em seu último livro, *L’abc del mondo contemporaneo: autonomia, benessere, catastrofe.* (2004) “indica o nosso Si e o nosso Nós, a nossa identidade subjetiva” (p. 11). Tommaso afirma, em tom que não deixa dúvidas, que “o eleito renasce transfigurado. Ele perde os conotativos individuais e assume os sonhados por milhões de concidadãos. Ele se torna, literalmente, o produto individualizado de um irresistível sonho coletivo” (SD, p. 55); desse modo, o eleito transforma-se, perde sua individualidade para se tornar a personificação da “autonomia nacional” Note-se o tom profético-religioso do militante que apela para a *palavra autoritária*, que requer do ouvinte reconhecimento imediato para enredar o aspirante-ditador em seu discurso.

O ditador deve mostrar-se um bravo, mas sua coragem tem de ser fruto de uma publicidade eficiente e não de verdadeiras ações arriscadas, mesmo se, como adverte TC, “a fim

de comover as multidões e intimidar adversários, caiba ao líder uma fama de homem temerário, intrépido diante dos perigos e sempre pronto ao extremo sacrifício pela salvação da pátria e da civilização. Mas a fama é questão de propaganda inteligente” (SD, p. 124).

A habilidade em divulgar a bravura do tirano é tarefa de profissionais e, como tal, o próprio aspirante ditador precisa demonstrar sua habilidade em convencer as massas. Durante todo o texto, a verve do político é tema de discussões. No capítulo X, por exemplo, que trata da “arte do jogo duplo e o perigo de se crer nos próprias armadilhas” Mr Doppio Vu afirma que na América os slogans já estão desacreditados e Tommaso sugere-lhe usar palavras de ordem como “abaixo os slogans”, mas o primeiro insiste que esta também é uma fórmula conhecida. O Cínico aconselha-o, então, a tentar, palavras de ordem mais incisivas, como “abaixo o fascismo” e “abaixo a ditadura” para espanto e desgosto do prof. Pickup que, por várias vezes, refere-se à maneira cínica de argumentar do militante. A discussão acentua-se até cair sobre a arte da retórica, sigamos os exemplos:

TC. ... La retorica, certo, è inerente all'esercizio stesso del potere, ma l'uomo politico si distingue dal retore perché, tra l'altro, si serve anche della retorica, ma non si lascia da essa dirigere.

PP. L'alleanza fra Mussolini e D'Annunzio contraddice, mi sembra, il vostro schema.

TC. Avete scelto proprio male il vostro esempio, egregio professore. Non v'è conferma più chiara della mia affermazione di quella che ci offre il diverso atteggiamento di Mussolini e D'Annunzio nei momenti più critici del dopoguerra...

TC. Più esattamente si può dire che in quell'occasione la politica tradì la retorica. Ma, badate bene, se si fosse comportata altrimenti, la politica avrebbe tradito se stessa....

PP. Però, in fondo, seppure con temperamenti diversi, D'Annunzio e Mussolini lottavano allora per la stessa causa, come gli avvenimenti successivi provarono.

TC. *Devo ancora una volta ripetervi* che l'assillo dell'aspirante dittatore è il potere, quello del retore la parola? Va da sé che il capo fascista, specialmente in un paese latino, deve sapersi servire anche della collaborazione del retore, ma stare in guardia a non lasciarsi fuorviare dalle sue parole. (SD, pp. 107-9)

Neste capítulo, o militante reforça a idéia de que o ditador ama o poder e serve-se de todos os instrumentos possíveis para alcançá-lo, entretanto, se a retórica é uma arma

importante para o político, ela é também um desafio, porque se ele começar a acreditar nas próprias mentiras não será bem sucedido, como aconteceu com D'Annunzio, um amante da palavra e da arte, não do poder. O líder totalitário ama comandar, o orador, por sua vez, devota-se à palavra, dominá-la é seu grande desafio e sua grande conquista.

Uma forma recorrente no texto, e que aparece grifado no exemplo, é a pergunta de Tommaso: “Devo repetir ainda uma vez...” (p. 109). Durante todo o texto podemos encontrar este tipo de questionamento: “Devo recapitular o que já disse nos encontros precedentes?” (p. 76), “Já acenei sobre isto dias atrás, mas acredito que seja oportuno voltar sobre o assunto com maiores particulares” (p. 117). Nessas passagens o personagem de TC utiliza-se de perguntas retóricas para retomar o que já foi dito sobre o aparecimento do fascismo, reforçando sua opinião e fazendo com que seus destinatários e seus ouvintes-leitores não esqueçam qual é seu ponto de vista. Estas formas evidenciam uma das técnicas de persuasão utilizadas por Tommaso. O autor reforça, assim, o ponto de vista de seu protagonista e, ao mesmo tempo, justifica seu papel didático na “escola dos ditadores”

No capítulo XIII, penúltimo da obra, “Sobre a operação prato de lentilhas e o golpe de Estado com o auxílio das autoridades”, Tommaso, depois de iniciar sua fala diferenciando a revolução do golpe de Estado, destaca três argumentos para discussão sobre o golpe. O primeiro diz respeito aos recursos financeiros, mas este item não requer grandes explicações, pois Mr Doppio Vu acredita que dinheiro não seja um problema, uma vez que, além de suas companhias semilegais nas quais os produtos mais rentáveis são a prostituição e os jogos de azar (como lembra o prof. Pickup), conta com a passividade dos grandes industriais que declaram estar sempre com o partido do poder. Aos comentários do aspirante, o Cínico responde: “Mais uma vez, sinto-me mortificado em dar aulas a um mestre” (SD, p. 145).

O segundo argumento do militante é a chamada “operação prato de lentilhas” que consiste em iludir os velhos políticos, ainda no poder, com acordos que garantam sua permanência no governo, de modo a evitar que eles atralhem o processo.

TC. Sulle chiacchiere dei vecchi politici non dovete farvi illusioni. *Ognuno di essi* spera di salvare se stesso sacrificando gli amici. *Non siate* impaziente, né brutale, né pietoso con essi. Offerte di collaborazioni vi arriveranno dalla loro parte; varie forme di coalizioni vi saranno proposte, piani di rinnovamento nazionale, progetti di cartello tra i gruppi affini e comitati di salute pubblica presieduti da personalità neutre saranno escogitati. *Voi farete finta* di prendere in considerazione *ogni* proposta, ma le *criticherete* nei particolari... In *ogni* gruppo *alimenterete* l'illusione che, nel prossimo e inevitabile colpo di stato, esso sarà il solo a salvarsi. (grifos nossos, SD, p. 147)

A fala de Tommaso evidencia que a política é um jogo e que o aspirante ditador deve saber como dispor suas cartas para ganhá-lo. O ativista determina a oposição entre a figura do futuro tirano e dos outros políticos, agrupando estes últimos como uma massa, com ações previsíveis, pelo uso das formas *ognuno di essi* (cada um deles), *ogni gruppo* (cada grupo), *ogni proposta* (cada proposta). TC destaca uma tipologia de atos que os velhos políticos costumam ter e alerta o aspirante sobre como agir em tal situação. Ele utiliza o futuro simples do indicativo que, neste caso, funciona como imperativo com caráter atenuado (conforme se pode ler nas gramáticas italianas). É quase uma sugestão feita a MDV que “fingirá” escutar, “criticará” detalhes e “alimentará” as esperanças de cada grupo, mas será o único com as rédeas nas mãos.

O prof. Pickup rebate as idéias de Tommaso, afirmando que as “velhas raposas” no poder não se deixarão enganar tão facilmente, porém o ativista, embora concorde que os políticos sejam exímios jogadores, afirma que eles conhecem profundamente o jogo parlamentar, mas “ignoram as leis cruéis da engrenagem do golpe de Estado. O aspirante ditador jogará com eles como um gato com ratos” (SD, p. 148). Em seguida, dá uma série de exemplos para justificar seu argumento; em resposta à riqueza de exemplos históricos verídicos e concretos, Mr Doppio Vu solicita secamente: “O terceiro argumento?” (SD, p. 149). Desse modo, confirma seu espírito prático que não ama divagações.

O terceiro ponto levantado por TC é o do atentado ou do complô, “a penúltima cena do último ato do golpe de Estado” (SD, p. 149). Ele deve ser preparado, preferivelmente pela polícia:

TC: In linea di massima, il complotto o attentato più efficace è quello in cui il “nemico interno” avversario inconciliabile della proprietà, della fede e dei buoni costumi, si rivela in combutta col “nemico ereditario d’oltre frontiera”

PP. Voi dimenticate che da noi non c’è un vero pericolo comunista.

TC Tanto meglio. Un complotto artificiale, ben montato, ha tutti i vantaggi e nessuno degli inconvenienti del complotto autentico. D’altronde, neppure in Italia nell’ottobre del 1922, e in Germania nel marzo del 1933, esisteva il pericolo di una insurrezione comunista; ma Mussolini e Hitler seppero crearlo e subito sfruttarlo... La “salvezza della patria da un pericolo imminente” è un’operazione a tal punto decisiva nella tecnica d’ogni colpo di stato, che sarebbe un’imperdonabile leggerezza da parte mia se non vi insistessi. (SD, p. 149)

A defesa da pátria é o ponto central para que o aspirante ditador seja “o eleito” O atentado ou o complô, verdadeiros ou não, são instrumentos perfeitos para amedrontar a

nação e fazê-la aceitar a centralização do poder. TC insiste no assunto, sua fala estende-se por duas páginas com vários exemplos de Napoleão a Hitler.

A maior crítica da obra siloniana, Luce D'Eramo (1971), observa que este trecho já estava presente na edição de 1938 e que este diálogo entre Tommaso e Mr Doppio Vu antecipa o Macarthismo nos Estados Unidos, porquanto o ativista insinua que basta inventar o perigo comunista para que ele se torne real, como aconteceu naquele país, na década de 50.

O argumento de Tommaso leva-nos a refletir sobre o momento atual. No ensaio “Politica e terrore” (2004), Berardinelli afirma:

A nossa idéia de grandeza histórica nos faz adorar as ações mais violentas, mais destrutivas, auto-destrutivas, astutas, espetaculares, decididas e decisivas que nos instigam a esquecer todo resto. E isto, além de ser a derrota da política, é também a apoteose da política que não poderia viver sem exibições periódicas de força espetacular, de astúcia e de domínio sobre a vida de tantas desconhecidas, pacíficas, industriosas ou ociosas “pessoas comuns”. As pessoas comuns, consideradas em si mesmas e não como instrumentos de qualquer causa política ou empresa bélica, parecem historicamente e politicamente irrelevantes. Massa anônima, pequenez, mediocridade. (tradução nossa, 2004:48)

As palavras de Berardinelli demonstram a atualidade do texto siloniano que adverte seu “destinatário responsivo”, seus inquietos leitores, dos perigos do niilismo, da alienação e da crença em mitos e em “salvadores da pátria”. Nos dias atuais, as fantásticas armas de destruição fazem “a vida normal e a não violência gozarem de escassa popularidade entre os seres humanos” enquanto “a violência e a guerra aparecem historicamente mais sérias e importantes, esteticamente mais belas. E o pior de tudo; a guerra faz parecer banal, tola, irresponsável e frívola a melhor das coisas, a paz” (Berardinelli, 2004:49).

O texto de Berardinelli, leitor e admirador de Silone, parece dialogar com o do escritor abrucês, uma vez que TC, ao falar do perigo dos complôs e das revoltas, sem o apoio da polícia e do exército, ressalta que “a violência dos adversários parece-nos, naturalmente, feroz, vil, desumana; a dos próprios amigos, mesmo quando se manifesta nas mesmas formas, parece-nos, ao contrário, heróica, corajosa, idealista” (SD, p. 131). Em resposta a essas afirmações, Mr Doppio Vu observa que isto só é uma realidade se nos manifestarmos “do ponto de vista da massa” (SD, p. 131). A fala do aspirante ditador, pode-se dizer com Berardinelli, faz com que o anseio de paz pareça tolo e banal e que as populações sejam reduzidas a uma massa amorfa, uma “coisa” pequena, medíocre, sem importância alguma.

No último capítulo, “Sobre o consenso plebiscitário, a fusão Estado-partido e a criação intensiva de bodes expiatórios” as opiniões e preocupações dos três personagens são resumidas. Tommaso esclarece que a grande novidade do fascismo é o uso de ações revolucionárias para impor um regime reacionário; por isso mesmo, a propaganda, que faz a mentira parecer real e a tirania uma solução, é tão importante neste regime. Mr Doppio Vu, por sua vez, mostra-se preocupado não só com a tomada de poder, mas em como mantê-lo, uma vez que deverá contar com assessores improvisados, talvez estúpidos, corruptos, sabotadores. O refugiado e o aspirante ditador enumeram problemas e soluções, já o professor Pickup minimiza as questões sociais, afirmando que a sociedade não é um problema, mas uma realidade; em outras palavras declara, segundo sua filosofia, que a sociedade é a sociedade.

TC responde às preocupações do aspirante, enfatizando que o líder comanda e que a base do partido deve limitar-se a trabalhar e a fazer propaganda. As eventuais crises devem ser resolvidas pelo sacrifício de algum bode expiatório, já que a sobrevivência do regime requer a presença maciça da “espécie” Mr Doppio Vu, que em alguns momentos deverá sacrificar até mesmos amigos e colaboradores próximos, afirma que prefere sacrificar aos outros do que a si mesmo, confirmando novamente suas qualidades para o cargo pretendido.

Na penúltima página do livro, o Cínico afirma que as ditaduras, depois das experiências nazista e fascista, podem tomar várias formas, incluindo “algumas formações totalitárias com etiqueta democrática” (SD, p. 178). No final do diálogo, Mr Doppio Vu pergunta ao ativista por que ele é adversário de todas as tendências totalitárias, se elas são favorecidas pela civilização de massa e pela propaganda, típicas de nossa época e Tommaso responde: “Não creio que o homem honesto deva necessariamente submeter-se à História” (SD, p. 179), afirmação considerada a pior das blasfêmias pelo prof. Pickup. A resposta do protagonista confirma a crença de Silone de que o ser humano deve ser autêntico, livre e que deve lutar contra as injustiças de seu mundo conscientemente, mesmo que todos os outros façam o contrário.

O texto siloniano, produzido em 1938 e revisto em 1961, reflete sobre a necessidade de análise crítica por parte de cada indivíduo para avaliar e contribuir nas soluções dos problemas sociais, sem se deixar reduzir a uma “massa amorfa” sem rosto ou personalidade, vítima constante da astúcia e ambição dos tiranos. Em carta escrita em 1963, Silone afirma que sua *Scuola dei dittatori* ainda tem alguma utilidade, porque o perigo das ditaduras não está morto. Diz que seu livro é pessimista, mas não desesperado e que está convencido de que sempre haverá, em qualquer sociedade, homens livres, não importa a clas-

se social a que pertençam, que sejam refratários a qualquer tipo de condicionamento (1998:1544).

A argumentação dos personagens no texto estudado não se distancia muito da utilizadas pelos personagens de Silone em seus romances. O autor ama as enumerações, as repetições, a metáfora e as similitudes, a antítese e a ironia. As entoações, especialmente, do protagonista Tommaso, alternam-se no texto, segundo a demanda dos interlocutores, em particular, Mr Doppio Vu, que se mostra mais interessado em técnicas de ação do que em conhecimento histórico-filosófico e exige do ativista uma “mudança de tom” em diversos momentos do diálogo. Como nos outros textos, Silone trabalha o “personagem como discurso” (Machado, 1995:140), porquanto é pela palavra que ele faz conhecer suas idéias, manifesta seu ponto de vista sobre o mundo e sobre si mesmo, além de indicar seu lugar “na engrenagem do mundo” (US, p. 168). Neste texto, como nos romances, há um embate de vozes que opinam, revelam-se pela própria fala, apresentam-se a si mesmo e aos outros estabelecendo uma cadeia dialógica de relações. O dialogismo reproduz a complexidade do pensamento siloniano que expõe a variedades e diferenças de pontos de vista. A argumentação dos três personagens, ilustrada pelas diversas citações, não apenas reflete, mas constrói uma visão do contexto sócio-histórico em que surgiram os fenômenos do fascismo e do nazismo, além de explicitar a ideologia do grupo ao qual pertencem os oradores.

É interessante notar que a opção por formas como o imperativo e o futuro com valor imperativo, além das muitas referências a “tudo” e “cada” (*tutto e ogni*), caracterizam o discurso de Tommaso não como a voz da oposição, apesar de sê-lo. Na verdade, ele dá “fórmulas” para o aspirante ditador chegar ao poder e, ao mesmo tempo, alerta o leitor para não crer nelas. O dialogismo constitui-se, desse modo, não só pela troca de idéias entre os interlocutores imediatos de TC, mas também pelo contato com os ouvintes-leitores que devem saber diferenciar a *palavra autoritária* da *palavra interiormente persuasiva*, apreender o não-dito e o contexto extraverbal, com base em uma outra focalização ou *cronotopo*. *La scuola dei dittatori* configura-se, então, como afirma Luce D'Eramo, como uma verdadeira “escola da democracia, um texto para se estudar profundamente” (1971: 195).

ABSTRACT: L'articolo tratta delle strategie discorsive usate dall'autore nel dialogo tra i personaggi e nel dialogo ulteriore del protagonista con i lettori-ascoltatori del testo.

PAROLE CHIAVE: La scuola dei dittatori; Ignazio Silone; Mikhail Bakhtin; Perelman; dittatura; discorso; dialogo; potere; persuasione.

Referências bibliográficas

- SILONE, I. *Uscita di sicurezza*. Milano: Longanesi & C. 1971.
- SILONE, I. *La scuola dei dittatori*. Milano: Mondadori, 1986.
- SILONE, I. *Romanzi e saggi: 1927-1944*. Organização e apresentação de Bruno Falchetto. Tomo I. Milano: Mondadori, 1998. (Meridiani).
- D'ERAMO, L. *L'opera di Ignazio Silone: saggio critico e guida bibliografica*. Milano: Mondadori, 1971.
- BAKHTIN, M. *Questões de literatura e estética*. São Paulo: Editora da UNESP/HUCITEC, 1990.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 1992
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BERARDINELLI, A. *L'abc del mondo contemporaneo: autonomia, benessere, catastrofe*. Roma: Minimum fax, 2004.
- MACHIAVELLI, N. *O príncipe*. Trad. Lívio Xavier. Prefácio: Isaiah Berlin. São Paulo: Ediouro, 2003. (Coleção Clássicos Ilustrados).
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Campinas: Pontes, 1997.
- PERELMAN, C. e OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado sobre a argumentação: a nova retórica*. Trad. Maria E. G.G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.